

POR UMA BIOGRAFIA DE ARLINDO TROIAN: O LÍDER POLÍTICO DE NOVA LONDRINA-PR

Cássio Augusto Guilherme¹

Resumo: Este artigo não é uma biografia de Arlindo Troian. O objetivo aqui é levantar hipóteses que sirvam de estímulo para outros pesquisadores que se interessem em produzir uma biografia sobre o político mais importante da história de Nova Londrina-PR, o que contribuirá para a melhor compreensão sobre a história do estado do Paraná nos temas do processo migratório, da formação das elites políticas locais em disputas oligárquicas e da relação entre políticos interioranos e estaduais. Assim, este texto discute parte da bibliografia sobre biografias, expõe alguns fatos da vida de Arlindo Troian e aponta possibilidades de fontes e metodologias na perspectiva de estimular outros pesquisadores.

Palavras-chave: Biografia; Paraná; Troian.

Abstract: This article is not a biography about Arlindo Troian. The goal here is to raise hypothesis as a stimulus for other researchers who are interested in writing a biography of the most important political in Nova Londrina, which will contribute to a better understanding of the history of Paraná about the migratory process, the formation of local political elites in oligarchic disputes and the relationship between interior and state politicians. Thus, this text discusses part of the bibliography about biographies, exposes some facts of Arlindo Troian's life and points out possibilities about sources and methodologies that could stimulating other researchers.

Keywords: biography; Paraná; Troian.

1. Professor da Faculdade de História (FaHist) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Introdução

No pequeno município de Nova Londrina, extremo noroeste do estado do Paraná, ninguém fica indiferente quando o nome de Arlindo Troian é pronunciado. Enquanto alguns torcem o nariz, outros brilham os olhos. Nas ruas da cidade, enquanto alguns fazem questão de abraçá-lo e trocar dois dedos de prosa, outros preferem até mudar de calçada. Em todos os casos, o motivo é o mesmo: trata-se do maior líder político da história da cidade e que, por isso, suscita amores e ódios em Nova Londrina.

Este artigo não é uma biografia de Arlindo Adelino Troian. Seria impossível nas poucas páginas aqui disponíveis e exigiria uma pesquisa empírica que, por hora, é impraticável – idem quanto às necessárias reflexões metodológicas sobre as fontes aqui utilizadas. Assim, embora em alguns momentos se fique com a impressão de que este artigo é por demais elogioso², talvez por conta da peculiaridade do personagem, o que objetivamos é levantar hipóteses e apresentar respostas provisórias que sirvam de estímulo a outros pesquisadores que se interessem em responder a questionamentos como: quem é este personagem capaz de gerar reações tão extremas em uma pequena cidade interiorana? Quais seus feitos políticos locais, regionais e estaduais? Que legado deixou para a sociedade novalondrinense? Que memória sobre ele persiste entre a população?

Como aponta Pierre Levillain (2003), os pesquisadores preocupados com movimentos coletivos e uma “macro-história” indicam o estranhamento à escolha de um personagem para se interrogar sobre determinada época e também o risco de que o historiador acabe por assumir o biografado como um grande herói. Penso que tais considerações são importantes para todos os gêneros historiográficos e que uma biografia política pode ter a capacidade de colocar vida e sentimentos na história estruturalista, que por vezes é demasiadamente fria, e possibilitar a ampliação do conhecimento sobre a temática.

Uma biografia de Arlindo Troian, por exemplo, pode contribuir para o melhor entendimento da história do Paraná na segunda metade do século XX: há o processo migratório do Rio Grande do Sul para o noroeste do Paraná; a formação das elites empresariais e políticas na região; as disputas entre a oligarquia pelo comando político; a influência econômica da cafeicultura; a dialética relação entre a política interiorana e estadual etc. No objetivo de apresentar a importância e viabilidade de uma pesquisa

2. Importante enfatizar que este autor é novalondrinense e descendente de famílias de “pioneiros” proprietários rurais. Como é impossível apartar o historiador de suas subjetividades, o que se escreve aqui é permeado por fontes documentais e impressões vividas pelo autor. Além disso, e talvez o mais importante para refutar uma possível interpretação de que se trata de mero artigo elogioso à Arlindo Troian, este autor cresceu em uma família que historicamente militou no lado “anti-Troian” da política recente na cidade.

mais aprofundada deste sujeito, este artigo utiliza a parca bibliografia sobre Nova Londrina, os poucos documentos disponíveis sobre o tema e uma entrevista – pela primeira vez utilizada em um trabalho acadêmico – recentemente realizada com Arlindo Adelino Troian.

Este texto objetiva³ discutir parte da bibliografia sobre biografias e expor alguns fatos da vida – sem grandes preocupações metodológicas sobre as fontes utilizadas aqui – de um sujeito merecedor de uma futura pesquisa biográfica mais aprofundada. Assim, no primeiro momento, apresentamos parte da discussão bibliográfica sobre as renovações nas pesquisas biográficas, com enfoque na importância de tal abordagem e também nos cuidados metodológicos. No segundo momento, sem a pretensão de esmiuçar todos os aspectos da vida política de Arlindo Troian, apresentamos alguns fatos e possibilidades de fontes na perspectiva de estimular outros pesquisadores.

Questões teóricas, metodológicas e “retorno das Biografias”:

Os defensores dos trabalhos biográficos bem argumentam que, através do enfoque em um personagem específico, pode-se observar mais detalhadamente algumas questões do seu contexto social que muitas vezes escapam em outros tipos de análises historiográficas. Como argumenta Philippe Levillain (2003), o percurso/ olhar que vai do grupo ao indivíduo, e deste de volta ao grupo, é meio interessante de analisar as relações entre o biografado e a sociedade a qual está inserido. Esta relação dialética entre indivíduo e sociedade pode ser realizada tanto na redução da escala ao tipo da Micro-História quanto nos interesses dos marxistas britânicos pelo resgate do papel dos indivíduos nas lutas sociais.

Desde o surgimento da História na antiguidade, se faz biografias. Porém, até o século XX, em essência, tais trabalhos possuíam certa função moral, sublinhavam os méritos dos biografados, eram elogiosas e serviam como exemplo moral a ser seguido por todos. Na antiguidade, os Imperadores Romanos eram vangloriados. Na Idade Média, as hagiografias dos “santos” católicos tinham sentido pedagógico: enfatizava-se a caridade, a conduta baseada na castidade e na fé, que levariam à “santidade”, como modelos de vida aos fiéis. No período monárquico, as biografias têm o mesmo foco nos reis. O Renascimento ampliou o rol de biografáveis, mas a noção de “exemplo de vida” foi mantida (SCHMIDT, 2012).

O clima filosófico do século XIX é mais cético em relação aos heroísmos individuais.

3. O texto foi escrito a partir das provocações de uma das disciplinas do Programa de Pós-Graduação em História (PPH) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) em nível de mestrado e doutorado.

Tanto para o positivismo quanto, principalmente, no marxismo, as transformações sociais são consideradas como produtos das forças coletivas e o indivíduo tem pouca margem de atuação. Embora como aponte Benito Schmidt, paradoxalmente o século XIX marque o triunfo do individualismo, é também o século da descoberta da multidão na história e “neste regime moderno de historicidade – no qual não cabe à história oferecer exemplos para o presente mas, ao contrário, projetar o futuro e perceber como ele esclarece o passado –, a biografia acabou sendo exilada” (SCHMIDT, 2003, p. 60).

Embora Febvre e Braudel tenham feito biografias, é apenas no final do século XX que a academia redescobre a biografia e diversos seminários são dedicados à renovação do gênero. Os motivos para tal são múltiplos: Levillain aponta para a contestação da história quantitativa e serial que havia subjugado a factual; o retorno da história política e as críticas ao paradigma estruturalista, em especial o marxista.

As novas biografias teriam a função de ser o meio do caminho entre o particular e o coletivo, de “restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais” (CHARTIER, 1994, p. 101-102), razão pela qual Alexandre Avelar (2010, p. 158), fala em uma “virada epistemológica em direção ao indivíduo”. Assim como outros gêneros historiográficos renovados no final do século XX, há aproximações interdisciplinares com a antropologia, a literatura e a história de vida, em especial na chamada “terceira geração dos Annales” que, fiéis ao “história-problema”, também se voltam para a biografia (SCHMIDT, 2012).

É inegável o grande sucesso editorial das biografias. Em qualquer livraria de shopping ou aeroporto do país, é possível encontrar centenas de títulos e muitos deles em lugar de destaque na loja. Embora muitas sejam feitas sem grande rigor de fontes e tenham viés meramente comercial com foco sensacionalista em subcelebridades, estes trabalhos, na maioria das vezes feitos por jornalistas, saciam a curiosidade dos leitores por trivialidades ou a milenar busca por trajetórias individuais inspiradoras. Do tratamento das fontes, passando pela liberdade jornalística em imaginar diálogos, até a tendência em tomar as falas dos entrevistados como “dados” e não como “leituras da realidade” e/ou construções da memória, Benito Schmidt (1997) discute bem os afastamentos e aproximações entre historiadores e jornalistas que constroem biografias.

Embora se fale em um retorno das biografias, não se trata exatamente da mesma biografia de outrora ou então das feitas com cunho jornalístico ou comercial. Além de atentar para os rigores metodológicos típicos da profissão, o historiador precisa colocar seu biografado em uma relação dialética com o contexto em que viveu, ou seja, além de ser influenciado pelo meio, o indivíduo, a depender do poder que dispõe,

também é capaz de influenciar o seu contexto de vida.

A crítica comum que se faz às biografias é por serem excessivamente narrativas, cronológicas, sem preocupações analíticas e explicativas, bem como ao elitismo dos biografados. Todas essas críticas são pertinentes, em especial aos trabalhos jornalísticos e meramente comerciais. Cabe ao historiador, sem deixar de lado as preocupações narrativas e cronológicas, fazer a necessária “história-problema” exigida pelo ofício.

Como bem provocou Pierre Bourdieu, em muitos casos, as biografias caem no que ele chamou de “ilusão biográfica”, a ilusão de que “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva ou objetiva, de um projeto” (BOURDIEU, 2006, p. 184). Como nas antigas hagiografias em que o sujeito é “santo” desde criança, é comum ver biografias em que a vida do biografado é contada como tendo um sentido imanente desde o seu nascimento: se jogador de futebol, as idas diárias ao campinho do bairro comprovariam que desde cedo ele já seria um craque; se modelo, as poses para álbuns da família já mostravam a propensão para as passarelas.

Para Bourdieu (2006), é falsa a ideia comum de que a vida seja constituída de uma ordem cronológica e lógica. Milhares de crianças vão diariamente ao campinho do bairro e não se tornam milionários craques do futebol, por exemplo. Ao historiador da biografia cabe perceber que a vida real é descontínua, formada por elementos justapostos, muitas vezes contraditórios, fora de propósitos e aleatórios. Como alerta Schmidt, “a concepção do indivíduo como ser unitário, que atravessa linearmente o período de uma vida” (SCHMIDT, 1997, p. 17) precisa ser contestada. Cabe ao historiador atentar às bifurcações, contradições, entroncamentos, fronteiras, possibilidades, incoerências e pluralidades do biografado possuidor de centenas de “eus” (AVELAR, 2010).

Portanto, uma biografia feita por historiadores precisa se pautar nos procedimentos da pesquisa histórica: levantar um problema, articular as referências conceituais, utilizar-se de fontes apropriadas e expor os resultados na linguagem historiográfica. Além disso, questões éticas devem sempre ser suscitadas, pois a vida do biografado não deve ser um mero objeto a ser exposto de forma irresponsável.

Mas, por que fazer biografias? Segundo Schmidt (1997), elas ajudam a revelar certas dimensões da história pouco perceptíveis em enfoques macros. Assim, a preocupação central do trabalho deve ser o desvendar as várias amarras que ligam o indivíduo à sociedade em que vive e vice-versa. Recuperar a tensão entre sujeito e sociedade numa via de mão dupla, deixar clara a complexidade do personagem e de lado o caráter anedótico, não esquecer que as vivências pessoais estão inseridas em um contexto maior, mas que o sujeito não é simplesmente passivo dentro dele

(BERTONHA, 2000).

Por uma Biografia de Arlindo Troian:

O município de Nova Londrina está inserido no contexto do processo de “(re) ocupação moderna” da região noroeste do Paraná, ocorrido a partir da década de 1930. Grandes fatias de terras da Colônia Paranavaí foram adquiridas por companhias imobiliárias que as revendiam aos colonos (ROMPATTO, 2012). Em 1951, a Imobiliária Nova Londrina Ltda abre as primeiras ruas nas matas à beira do ribeirão do Tigre, estabelece seu escritório e dá início às vendas de terras urbanas e rurais.

A migração familiar e os negócios com a cafeicultura

O fluxo migratório para a cidade de Nova Londrina foi bastante variado. Uns poucos paulistas e mineiros vieram estender a fronteira agrícola, além de vários nordestinos, vítimas da seca e da miséria chegavam em busca de trabalho na derrubada da mata e no plantio do café. A Imobiliária “deu total preferência a formar, na nascente cidade, uma colonização com migrantes sulistas” (GUILHERME, 2012, p. 35), havia inclusive um veículo da empresa que buscava pessoas no Sul do país e corretores percorriam aquela região vendendo os lotes.

Dentre esses muitos “pioneiros” sulistas que migraram para Nova Londrina (GUILHERME, 2016), estava Severino Pedro Troian, a esposa Dozolina, seus cinco filhos (Arlindo, Waldir, Celestino, Alcides e Nelson) e uma filha (Lourdes). Há apenas um documento bibliográfico⁴ sobre os primórdios da “Família Troian: um exemplo edificante de luta e progresso” (BOGONI, 1986, p. 49). Em que pese o tom demasiado elogioso do texto, podemos dele extrair algumas informações.

O patriarca Severino Pedro chegou a Nova Londrina em 1955. Um pouco antes, em visita a parentes que já haviam migrado para a região, adquiriu da Imobiliária, cinco alqueires de terra formada por mata fechada. Vendeu as poucas posses que acumulou em anos de trabalho com comércio e agricultura no Sul e migrou, como tantos outros, em busca da riqueza prometida pelas propagandas das companhias

4. Escrito sob encomenda pelo então prefeito Arlindo Adelino Troian para o jornal *Diário do Noroeste*, de Paranavaí, quando das comemorações dos 30 anos de emancipação política do município (BOGONI, 1986).

imobiliárias⁵. Como de praxe entre as famílias numerosas da época, colocou os filhos para trabalhar, tanto na derrubada da mata para formar a plantação de café, quanto no bar que comprou em frente ao ponto dos ônibus rodoviários. No final da década, a família já possuía um caminhão fazendo fretes para produtores locais entregarem seus grãos às cafezeiras da região.

Em 1961, a família possuía o próprio armazém para compra e venda de cereais, servindo como intermediário entre os produtores locais e as cafeicultoras de Paranavaí. Explorando o comércio, os negócios prosperaram e até mesmo uma filial foi aberta em 1970, no município de Palotina, extremo oeste do Paraná. Como explica o próprio Arlindo Troian (2018), através de empréstimo conseguido junto ao Banestado, em 1974 a família adquiriu uma área para construção de uma máquina de beneficiamento de café na cidade de Nova Londrina. A Troian, Indústria e Comércio de Cereais Ltda, logo se tornou o “orgulho do mundo empresarial” local em ampla área com “prédios para escritório, armazéns e outras instalações” (BOGONI, 1986, p. 52).

No final dos anos 1970, a família havia acumulado grande capital econômico e simbólico. A indústria de benefício de café em Nova Londrina, com filiais de comércio de grãos em Palotina, Santa Izabel do Ivaí e Santa Rita do Oeste, as fazendas de pecuária em Mato Grosso e de café e pecuária em Nova Londrina e Marilena, a primeira e até hoje única revenda de carros (Ford) existente em Nova Londrina (Trovel – Troian Veículos Ltda.), a propriedade de um avião particular com campos de pouso para facilitar a comunicação dos negócios, e até mesmo uma equipe de futebol de salão disputando o campeonato paranaense adulto e de categorias menores, “somente poderão levar a passos mais largos ainda.” (BOGONI, 1986, p. 52). No entanto, em meados dos anos 1980, a atividade ligada ao café entrou em declínio e, ao mesmo tempo que Arlindo Troian ascendia na política, os negócios da família no município foram à falência.

172

O maior político da história de Nova Londrina

Arlindo Adelino Troian, que havia chegado à Nova Londrina com 19 anos de idade (nascido em 26/12/1936), o filho mais velho do casal Severino e Dozolina, é quem liderava o clã empresarial da família. Enquanto enriqueciam, a família não participou diretamente de nenhuma eleição municipal, embora Arlindo Troian admita na entrevista que a família sempre teve suas preferências eleitorais ligadas ao grupo das

5. No caso de Nova Londrina, a Imobiliária fez um vídeo-propaganda que enfatizava a fertilidade das terras e as melhorias promovidas pela Companhia, “a cidade fadada ao mais promissor e rápido progresso, a cidade de Nova Londrina”. Disponível no YouTube em “Nova Londrina na década de 1950”. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Tg8glvhiiEc>

elites políticas e agroindustriais do município que rivalizavam entre si pelo comando municipal (GUILHERME, 2014).

O grupo político dominante, desde a emancipação de Nova Londrina, girava em torno da diretoria da Cooperativa Agrária dos Cafeicultores de Nova Londrina (Copagra) e era liderada pelo médico sulista Olivier Grendene. Este grupo, ligado à ARENA, acostumou-se a decidir em pequenas reuniões o revezamento que faziam entre si dos nomes a serem lançados a prefeito e vereador para posterior referendo do eleitorado por eles controlado. Muitas eleições tiveram candidatos únicos, ou mera oposição formal com poucos votos. Na única vez que um político de oposição fez campanha contra a oligarquia local e venceu, não hesitaram em se valer de apoio da Ditadura Militar para cassá-lo sob a falsa acusação de subversão, como aconteceu com Halim Maaraoui em 1969 (GUILHERME, 2012).

Na entrevista que me concedeu⁶, Arlindo Troian diz que, ao voltar de uma viagem à fazenda que a família possuía no estado de Mato Grosso, foi informado pelos irmãos Alcides e Valdir que lideranças políticas haviam lhes convidado para uma reunião que precedia as eleições municipais de 1976. Entre os vários presentes na reunião, estavam o então prefeito Sady Paviani, o futuro candidato eleito João de Alencar Barbosa e claro, o líder Olivier Grendene. Diz Troian que: “Nessa reunião vieram para cima de mim: ‘não, porque você tem que estar conosco para ser candidato a vereador ou a vice’, eu disse: ‘não, eu não quero’. Diz ele que tentou empurrar o nome do irmão Alcides, mais novo e estudado, mas dias depois, as mesmas lideranças “foram lá em casa e me pensaram porque eu tinha que sair candidato na chapa do Alencar Barbosa” (2018, s/p.)

173

Após reunião familiar, Arlindo Troian aceitou ser candidato a vereador e se tornou o primeiro membro da família a entrar na vida política. Em novembro de 1976, o pequeno eleitorado de 4.598 votantes dos quais apenas 3.567 compareceram às urnas, referendou, por ampla maioria, o nome de João de Alencar Barbosa e o vice Arnaldo Augusto como prefeitos do município⁷. Arlindo Troian (ARENA), em sua primeira experiência eleitoral, obteve 662 votos, até hoje, o recorde de votos para vereador em Nova Londrina, apesar da duplicação recente do eleitorado.

Para se ter uma ideia do tamanho que tantos votos significaram naquela eleição, o segundo colocado para a vereança foi o professor Manoel Bono Belascuzas (ARENA) com 177 votos e em terceiro lugar, empatados o agroindustrial João Celestino

6. Uma vez que este artigo não objetiva discutir de forma aprofundada a entrevista, mas sim, aponta-la como uma fonte para pesquisas posteriores, aqui não houve a necessária reflexão sobre este tipo de fonte, seus usos, limites, possibilidades e a questão da memória. Para isso, ver: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, FGV, 2006.

7. João de Alencar Barbosa (ARENA 1) obteve 1.811 votos; Jacinto Roman (ARENA 2) ficou em segundo com 747; seguindo pelos candidatos das sublegendas do MDB: Avelino Colla com 685 votos; José Antônio de Paula Pinto com 138 e Périco Antonio Fabian com 127 votos.

Pires e a professora Ivanira de Lima Vale Bianchi, também da ARENA, com 170 votos. Isso demonstra que o poder econômico, obtido pela família Troian em vinte anos de atividades no município, resultou também em poder simbólico, que foi expresso nas urnas. Na vereança, Arlindo Troian foi duas vezes o presidente da Câmara (1979/80 e 1981/1982). Quando estava na função, dois fatos importantes, e que ainda não foram objetos de pesquisa, aconteceram no município.

Em abril 1981, um vendaval devastou a cidade. Na entrevista, Arlindo rememora que chegou a acompanhar o prefeito à Curitiba em busca de recursos para a reconstrução.

Também a cafeeira Troian teve grandes prejuízos. Os jornais de Curitiba deram grande destaque ao fato. O *Diário do Paraná* escreveu que:

Quatro dias após a ocorrência do vendaval que destruiu centenas de prédios desabrigando milhares de pessoas, Nova Londrina ainda apresenta um panorama geral desolador, sugerindo um aspecto de pós-guerra. [...] Para evitar que o desespero e fome pudessem fazer com que as pessoas mais atingidas pelo fenômeno invadissem as lojas e armazéns da cidade, em busca de comida, a prefeitura está distribuindo cerca de dez toneladas de alimentos às vítimas do vendável.⁸

Tais alimentos foram levantados pelos clubes de serviços dos municípios vizinhos. O mesmo jornal informou dias depois, que o governador Ney Braga (PDS) liberou cerca de Cr\$ 3,6 milhões para a reconstrução dos prédios públicos municipais e o banco estadual liberou linhas de crédito aos empresários⁹. O jornal *Diário da Tarde* noticiou que ao menos metade das construções foram destelhadas, o que deixou 2 mil pessoas desabrigadas e 150 feridos. O mesmo jornal é mais detalhista nos danos causados:

Os prejuízos foram incalculáveis, segundo fontes oficiais. As duas feccularias da cidade [...] foram destruídas completamente [...]. Foram destruídos também armazéns e secadores. Somente no armazém do Grupo Troian, os prejuízos foram avaliados em Cr\$ 50 milhões. No aeroporto local, o mesmo grupo sofreu danos de Cr\$ 8 milhões com destruição de uma aeronave, atingida com a queda do hangar [...] O prédio da Prefeitura Municipal foi parcialmente destruído e a sua garagem desabou danificando vários veículos. O novo cinema da cidade, de propriedade do empresário Avelino Cola, que deveria ser inaugurado brevemente, acabou ruindo com a tempestade, causando danos de Cr\$ 40 milhões. Nem mesmo a igreja local ficou intacta. Seu telhado desabou [...] A cidade está sem luz, água e telefone e o clima é de desespero junto à população. Ainda chove na região.¹⁰

Na mesma época, outra polêmica, ainda carente de estudos, movimentou o

8. Jornal *Diário do Paraná* – 01/05/1981, p. 8.

9. Jornal *Diário do Paraná* – 06/05/1981, p. 3.

10. Jornal *Diário da Tarde* – 29/04/1981, p. 4.

debate municipal. Construía-se duas Usinas Hidrelétricas no município de Rosana, estado de São Paulo. Muitos diretores e engenheiros da obra residiam em casas alugadas em Nova Londrina e especularam a construção de uma vila para trabalhadores na cidade.

Arlindo Troian, então vereador e presidente da Câmara, rememora que debateu com o prefeito, vice e demais vereadores daquela legislatura sobre conceder ou não aos diretores o terreno público solicitado para construção da vila e algumas ações de sócios para o Caiuá Country Club, o clube social com piscina, churrasqueira e campo de futebol criado e frequentado pela classe média/alta local. Segundo sua fala na entrevista: “foi uma perda muito grande na época. Eu debati com os cabeças [empresários e políticos] e eles bateram em cima e não aceitaram [...] porque diz que ia prejudicar a cidade, ia criar problemas, ia vir gente [...] houve uma discussão na Câmara” (2018, s/p.).

Troian argumenta que a vila a ser construída na cidade seria destinada aos diretores e trabalhadores com maiores qualificações e salários. Diz que foi ali que iniciou seu rompimento com o grupo político que parecia coeso: “Foi dali em diante que eu fiquei um pouco revoltado e não concordava com muita coisa, mas o que eu ia fazer? Eu era simplesmente um vereador [...]. Mas foi perdido o que seria o dobro do desenvolvimento de Nova Londrina” (2018, s/p.). Há quem duvide que isso chegou a ser especulado e debatido entre os políticos locais e que tudo não passou de uma invenção de alguns políticos contrários ao então prefeito. Ao que parece, uma pesquisa nos arquivos na Câmara Municipal pode dirimir a polêmica.

Arlindo Troian (2018) disse na entrevista que, no final da legislatura, em outra reunião entre os caciques políticos, ele teria resistido à indicação de seu nome como candidato a prefeito pelo já PDS e que só aceitaria se tivesse plena liberdade para escolher o nome de seu companheiro de chapa. Aparentemente, nos parece que já havia sido picado pela “mosca azul” da política e, desde então, sua vida está mergulhada nos embates políticos de Nova Londrina. Escolheu o ex-prefeito João Soares Fragoso (1960-64), que também já havia sido secretário da Fazenda municipal (1964-69), pela experiência administrativa que ele já dispunha, apesar do estranhamento da maioria dos presentes na reunião seguinte.

Na eleição de 1982, Arlindo Troian, o candidato governista, enfrentou contador Valentim Amorilo São João, popular “Kimba”, tendo o empresário Felice Salame como vice, pelo PMDB. A única informação que temos sobre a campanha eleitoral é a fala do próprio Arlindo (2018). Diz ele que a campanha foi difícil: o PMDB tinha mais apoio de deputados estaduais e federais e que lhes restou foi fazer bate-papos de bairros, animados pelo sanfoneiro/advogado/piloto de avião Ivan Gouvêa.

Troian foi eleito por considerável margem de votos. O candidato governista obteve 2.955 votos contra 2.001 do candidato da dissidência oligárquica. O PDS governista elegeu seis vereadores e o PMDB três. É preciso enfatizar que os candidatos do PMDB não representavam oposição de classe ao grupo político dominante, pois eles também eram filhos da "elite pioneira", fazendeiros e empresários locais. Aliás, mais um tema que merece pesquisa densa sobre a história recente de Nova Londrina.

Na entrevista que fizemos, Arlindo (2018) foi modesto em sua avaliação sobre os seis anos de administração municipal: "ela foi uma administração regular", mas enfatizou o combate à erosão como seu principal legado. Na prática, ele admite que não contou com grande oposição na Câmara de Vereadores, mas bastante tranquilidade para governar. Quando terminou sua primeira administração, Troian mandou editar uma bela revista comemorativa (TROIAN, 1988). Nas 44 páginas recheadas de fotografias e lista das obras realizadas, é explícito o tom propagandístico, óbvio para publicações deste tipo. A mensagem de abertura assinada por ele, diz:

Caros munícipes, fizemos editar esta revista para levar a todos uma síntese do nosso trabalho. As obras e serviços nela relatados tiveram uma única direção: a comunidade. Pedimos-lhes que lendo o que nela está, vocês se sintam também responsáveis pelo que conseguimos realizar em nossa administração. Sim, porque vocês, de uma forma ou de outra, na condição de contribuintes, tiveram sua parte – e muito importante – no nosso trabalho (TROIAN, 1988, p. 2).

176

E a lista de realizações é bem extensa: melhorias na urbanização; construção, reformas e melhorias em escolas e creches; pavimentação de ruas; combate à erosão; abertura de quadras e campos esportivos; construção de casas populares; melhorias nos postos de saúde e centros odontológicos; recuperação das estradas rurais; aquisição de ambulâncias, máquinas e ônibus; construção de novo terminal rodoviário etc. Como fica implícito na entrevista, Arlindo Troian, gaúcho de nascimento como tantos outros munícipes, parece ter orgulho mesmo é da doação do terreno municipal destinado à construção do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Três Fronteiras, onde foram construídos amplos salões de festas e bailes, churrasqueiras, cancha de bocha, espaço para leilão de gado e outro para disputas de laço, "que é o ponto maior das atividades tradicionalistas sulinas" (1988, p. 28). Desde então, o local se tornou ponto de encontro não apenas para a comunidade gaúcha, mas para toda a municipalidade que ocorria em festas, carnavais e bailes.

Logo em seu primeiro ano como prefeito, Arlindo também substituiu João de Alencar Barbosa na presidência da Associação dos Municípios do Noroeste do Paraná (Amunpar). Troian foi o líder dos prefeitos da região em dois anos (1983 e 1988). Nos

jornais da capital paranaense, disponíveis no site de Hemeroteca Nacional¹¹, são várias as reportagens que o mostram em atuação destacada na cena política do interior do estado ao longo da década. Em seu mandato à frente da Amunpar, ele soube estabelecer contatos que o levariam, anos depois, ao posto político mais alto já alcançado por um político novalondrinense.

Realmente, a administração de Arlindo Troian serviu para unir os dois ramos da oligarquia política local. Em 1988, houve a candidatura única do então vereador Idreno Gregório (PMDB) que juntou os três únicos partidos existentes na cidade (PMDB, PFL e PTB). No entanto, a população não ficou satisfeita com o acordão de bastidores. Dizia-se que os votos de protesto, em branco ou não, poderiam superar os votos dados ao candidato único. Idreno foi eleito com 3.990 votos, mas houve também 2.424 votos em branco e outros 472 nulos. Arlindo (2018) admite que a população não gostou da candidatura única, mas culpa a “oposição” que preferiu não lançar um candidato para concorrer com o seu escolhido.

Troian fez seu sucessor no poder municipal e também na Amunpar, assumida por Idreno em 1989. No mesmo ano, demonstrando já possuir grande faro político, Arlindo aproveitou para surfar a onda Collor de Mello e fundou o PRN no município. Disse ele, na entrevista, que foi procurado pelo deputado estadual maringense Antônio Barbara, que organizava a fundação do PRN e a campanha de Fernando Collor na região, para sair do PFL – onde estava – e migrar para o partido e ser candidato a deputado estadual nas eleições de 1990. Mais uma vez, alega que não queria mais essa candidatura, mas os líderes políticos da cidade insistiram e ele aceitou.

Ele admite que, por ter sido presidente da Amunpar, teve facilidade em percorrer a região em busca de votos. Naquela eleição, o povo do Paraná demonstrou seu histórico conservadorismo político. O PRN foi o partido que mais elegeu deputados federais no estado: oito¹². De todos os estados da federação, foi onde o partido de Fernando Collor mais elegeu representantes federais. Para a Assembleia Legislativa (Alep), o PRN elegeu 10 deputados estaduais¹³, perdendo apenas para o PMDB. Entre os 45 deputados estaduais eleitos no Paraná, Arlindo Troian (PRN) foi décimo segundo mais votado com 18.159 votos, o terceiro na coligação PRN/PFL, o segundo do partido.

Não podemos deixar de reconhecer que a eleição de Troian para a Alep foi um feito de grande proporção e importância. Um político do extremo noroeste do estado, em sua primeira eleição a nível estadual, ainda que puxado por uma coligação que

11. <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

12. Entre os eleitos estavam nomes tradicionais da política estadual, como Max Rosenmann, o mais bem votado de todo o Paraná e debutantes como os comunicadores “Pinga Fogo” e Carlos “Ratinho” Massa.

13. Dentre eles estavam nomes que seriam constantes na política estadual dos anos seguintes: Luiz Alborghetti, o mais votado de todo o Paraná, Valdir Rossoni e Ademar Traiano.

elegeu muitos deputados, obteve expressiva quantidade de votos. Foi o primeiro, e até hoje único, político novalondrinense eleito para a Assembleia Legislativa do Paraná.

Mais uma vez, os jornais da capital podem ser boas fontes para analisar a atuação de Arlindo Troian como deputado estadual. De início, formou parte da “frente de oposição ao governo estadual”¹⁴ de Roberto Requião, porém, já em julho de 1991, junto com outros deputados do PRN, Troian inicia uma série de críticas ao próprio partido e namoro com outras legendas. Essa atitude pode ser melhor compreendida se levarmos em consideração a conjuntura nacional, onde o presidente Collor, com pouco mais de um ano de mandato, já enfrentava uma série de crises no governo e por consequência, no frágil partido que foi criado em 1989 para lhe dar a legenda de candidato, mas que não possuía mínimo lastro político (SALLUM JR, 2015). Como mostra João Fábio Bertonha em artigo que defende a necessidade de se fazer uma biografia sobre Francesco Matarazzo, em trabalhos do tipo:

É importante cruzar os atos do biografado com contextos maiores que ajudem a entendê-lo e revesti-los de uma significação maior [...] biografias que se limitam a narrar a vida de uma pessoa sem fazer referência à sociedade em que esta vivia são, na maioria das vezes, menos convenientes à história (BERTONHA, 2000, p. 23).

178

O partido que teve ótima votação no estado, elegeu a maior bancada federal e a segunda maior estadual, teve Tony Garcia como segundo na corrida ao Senado e José Carlos Martinez, braço direito de Collor na campanha de 1989, como segundo colocado na disputa para governador estava em crise¹⁵. A crise do PRN do Paraná é a crise do PRN nacional e do governo Collor que já se mostrava em processo de desintegração em meados de 1991.

Em julho, o jornal *Correio de Notícias* publicou o descontentamento do deputado com a direção do partido e principalmente com José Carlos Martinez, presidente estadual. A coluna de Roseli Abrão abriu aspas para Arlindo Troian: “O PRN, hoje, no Paraná, é insignificante. Tem uma bancada atuante, mas as cabeças do partido não estão em sintonia com a nossa. [...] Desde que ele [Martinez] perdeu as eleições nunca

14. Jornal *Correio de Notícias* – 05/06/1991, p. 8.

15. Martinez (PRN) venceu o primeiro turno daquela eleição e parecia caminhar para confirmá-la no segundo turno. Poucos dias antes da votação, o adversário Roberto Requião colocou no ar uma peça de propaganda eleitoral que acusava a família Martinez de ter promovido uma série de assassinatos no processo de colonização da região de Assis Chateaubriand. Com certa dose de exagero – pois candidatos ligados ao presidente Collor contavam com rejeição popular e enfrentaram a união das oposições – à época se disse que o “caso Ferreirinha” decidiu a eleição. Na verdade, o “Ferreirinha” entrevistado pela equipe de propaganda do PMDB era um ator, porém, “naquele fatídico programa eleitoral de 1990, o “Ferreirinha ator”, que se passou pelo “verdadeiro” pistoleiro, apenas representou outros “Ferreiras” como admitiu Adizio Figueiredo dos Santos, chefe dos jagunços do pai do candidato derrotado” (ROMPATTO, Maurílio. Piquiri: “O vale esquecido”. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 191)

mais visitou as bases, os diretórios”¹⁶. Dias depois, a mesma colunista anunciava que o esfacelamento do PRN e a debandada de “colloridos” federais e estaduais era tema recorrente nos bastidores da política curitibana.

Ao longo de todo o segundo semestre de 1991, Troian namorou vários partidos. Primeiro, a imprensa dizia que o favorito era o PFL; depois, juntou com o ex-governador Álvaro Dias que havia entrado no PST e tentava engordar as fileiras do nanico partido. Mas de todos eles, o favorito ao enlace era o PMDB do governador Roberto Requião. Aliás, havia meses que Arlindo Troian votava a favor do governo na Assembleia Legislativa. Finalmente, em dezembro de 1991 anunciou sua saída definitiva do barco “collorido”.

No começo do ano legislativo de 1992, a convite do governador Requião, Arlindo Troian ingressou no PMDB e causou confusão. Escreveu a colunista Débora Iankilevick no jornal *Correio de Notícias*:

O deputado Arlindo Troian, ex-PRN, hoje no PMDB, promoveu 193 filiações para tentar garantir a executiva do Diretório. As filiações foram impugnadas, [...]. Velhos peemedebistas da cidade alegam que Troian “colloriu” o partido com suas filiações [...]. Vai dar pano pra manga.¹⁷

Fato é que Arlindo Troian venceu a queda de braço com os “velhos peemedebistas” e ficou com a direção do partido em Nova Londrina, o que forçou os descontentes a procurar abrigo em outras siglas locais. Uma hipótese que aqui levantamos para pesquisas futuras é que este movimento feito por Troian embaralhou as cartas do jogo político novalondrinense e a mão seguinte a distribuir as cartas definiu, pelo menos até a eleição de 2016, a vida política no município entre os troianistas e os anti-Troian, em especial o grupo ligado à direção da Cooperativa (Copagra). O que havia sido coeso na eleição municipal de 1988, rachou com este movimento de Troian e definiu os lados na política da cidade para os próximos anos.

Na municipal de 1992, o prestígio do deputado estadual foi suficiente para, com facilidade, eleger o irmão Valdir Troian (PST), até então sem nenhuma experiência política, tendo como vice Ivan Gouvêa (PMDB), advogado e ex-piloto do avião da família. O candidato, que também contou com apoio do então prefeito Idreno Gregório, obteve 4.048 votos contra 2.844 do adversário João Fernandes de Almeida (PDT), apoiado pela Cooperativa local.

O que parecia ser a consolidação da hegemonia Troian – completaria três mandatos seguidos, treze anos à frente do Paço Municipal – sofreu um revés na tentativa

16. *Jornal Correio de Notícias* – 05/07/1991, p. 2.

17. *Jornal Correio de Notícias* – 07/03/1992, p. 8.

frustrada de reeleição para deputado estadual. Embora tenha aumentado em mais de três mil votos ante a eleição anterior, agora no PMDB, Troian não atingiu a legenda necessária e acabou como suplente. Nunca mais voltou à Alep como deputado. Na municipal de 1996, os adversários políticos aproveitaram a insatisfação de parte dos munícipes com a administração de Valdir Troian – havia meses de salários atrasados ao funcionalismo público, determinante para o resultado da eleição – e o inesperado e efêmero lançamento do candidato da terceira via, sustentado por uma empresa de fabricação de fécula local. O opositor João Fernandes de Almeida (PDT), com apoio da Copagra, antiga dona da hegemonia política antes do início da “era Troian”, venceu o ex-prefeito Idreno Gregório (PSDB), candidato governista/troianista por apenas 14 votos de diferença. Como se percebe, as disputas políticas continuavam e continuariam a envolver ativamente a classe empresarial da cidade.

Embora envolto nas acirradas disputas políticas, João Fernandes de Almeida tinha perfil conciliador. Na entrevista que nos concedeu, Arlindo Troian diz que mantinha gratidão a ele, que lhe apoiou nas eleições a deputado. O prefeito faleceu subitamente enquanto dormia, em julho de 2000, quando já se discutiam as alianças políticas para a sua sucessão. Troian (2018) alega que, na tarde daquele mesmo dia, foi procurado por João Fernandes e este lhe teria confessado problemas na condução de sua administração e de relacionamento com seu grupo político ligado à Cooperativa. Por isso, o então prefeito teria declarado que lhe apoiaria contra o candidato Miguel “Mike” Tranin (PPS), então diretor-presidente da Cooperativa, que representaria o governo.

A campanha eleitoral de 2000 é lembrada por Arlindo Troian como a mais pesada que já disputou no município. Segundo ele, os adversários ligados à Cooperativa local gastaram grande quantidade de dinheiro na campanha e recorda com emoção o fato mais polêmico daquela campanha. Em um final de tarde, a diretoria da Copagra – o candidato-diretor à frente – esperou na entrada da cidade os ônibus com as centenas de “bóia-frias”, homens e mulheres cortadores de cana que voltaram do longo, penoso e poeirento dia de trabalho. Todos os trabalhadores foram obrigados a descer dos ônibus e marchar, a pé, cansados, com seus facões, latas de quentinhas e garrafas térmicas a tiracolo pelas ruas da cidade, sob olhares de toda a população, atrás do candidato-diretor, que tinha como vice outro diretor da mesma Cooperativa. Era para ser um ato de campanha que demonstraria a união entre capital e trabalho, pretensamente realizado pelo cooperativismo novalondrinense. Diz Arlindo Troian que:

Eles perderam voto. Aquelas mulheres que desfilaram, os homens, procuravam a gente dizendo: “Estamos com você porque o cara nos humilhou. Nos humilhou [Arlindo estava com a voz embargada e olhar trêmulo] fazendo desfilarem na rua sem trocar de

roupa" (2018, s/p.)

Dizia-se durante a campanha que de um lado estava o candidato da elite local – fazia parte dela, era apoiado por ela e teve os votos das regiões centrais da cidade; de outro, o candidato que, embora tivesse apoio de parte dos empresários locais, inclusive seu vice Umberto Bussadori era dono do frigorífico, representava a população de trabalhadores e que teve mais votos nas periferias da cidade. Troian venceu por esmagadora maioria: 4.976 votos contra 1.927 e sua coligação elegeu oito dos nove vereadores que compuseram a Câmara Municipal. Após dois revezes eleitorais – de 1994 e 1996 – essa esmagadora vitória significava o retorno triunfante do troianismo ao Paço Municipal.

Apesar de a oposição ter se reorganizado melhor, Arlindo Troian foi reeleito em 2004 quando venceu o empresário Dornelis Chiodelli (PFL) – apoiado pela Cooperativa – e a vice professora Solange Ravache (PT) por 600 votos de diferença. Dessa vez, a Câmara de Vereadores contou com quatro firmes opositores que toda semana ocupavam os microfones da rádio AM, de propriedade de um médico local ligado à tradicional família Grendene, para criticá-lo.

Em 2008, a inclusão de mais um candidato da terceira via, o petista professor Roberto Tsunokawa, dividiu mais os votos do eleitorado novalondrinense e resultou na derrota do candidato troianista Idreno Gregório (PSDB). Dornelis (PFL) – tendo como vice Miguel "Mike" Tranin" (PPS), o diretor-presidente da Copagra – venceu com 47,9% dos votos contra 36,7% do petista e 15,3% do troianista. Era a primeira das muitas derrotas que o troianismo acumularia nos anos seguintes. Na municipal de 2012, uma grande polêmica. Arlindo registrou sua candidatura, fez campanha, mas a longa trajetória política também lhe rendeu vários problemas e processos no Poder Judiciário e na Justiça Eleitoral. Seus mais de dois mil votos foram considerados nulos – ele estava inelegível por cinco anos – e Dornelis foi reeleito prefeito. As novas gerações de eleitores e a Justiça decretaram o fim da "era Troian" na política de Nova Londrina. Ao todo, entre 1983 e 2008 foram 21 anos de troianismo no Paço Municipal.

181

Memória e planos para botar o retrato do velho outra vez

Atualmente, a política de Nova Londrina vive outra hegemonia. O grupo que assumiu o comando do Paço Municipal em 2009, e que garantiu a reeleição de Dornelis Chiodelli (agora pelo PSD), fez também o sucessor com o advogado e neto do histórico líder Olivier Grendene, Otávio "Vico" Grendene Bono (PSC), tendo como vice o ex-terceira via professor Roberto (PT). Interessante notar que este grupo tem

tido êxito em incorporar antigos adversários políticos das fileiras troianistas, como Idreno Gregório, por exemplo. Também na Câmara Municipal, praticamente não há oposição. Na municipal de 2016, a coligação governista reuniu dez partidos e obteve 78,2% dos votos. Nesta eleição, Arlindo Troian e seu PMDB sequer lançaram candidatos a vereador, embora ele tenha participado ativamente da campanha do candidato derrotado a prefeito José “Zé Picareta” Sampaio (PPS).

Para muitos observadores da política novalondrinense, o troianismo já é passado. Não para Arlindo Troian. Em entrevista, ele disse:

“Eu espero que, se der certo ainda, nós vamos montar um esquema para a próxima eleição. Não ficará de graça porque o povo me cobra a todo momento na rua. Eu vou na lotérica jogar, é dez que me certam. Eu vou na Igreja, também. Então a gente sente que há um vazio aí na política de Nova Londrina que eu preciso fazer alguma coisa” (2018, s/p.)

Em 2018, Arlindo Troian completa 82 anos de idade. A política que corre em suas veias o faz planejar o retorno ao Paço Municipal onde trabalhou por tantos anos. Seus planos se baseiam, claro, na boa reputação que acredita ter construído junto às camadas populares de Nova Londrina. Na entrevista, como se estivesse em mais um palanque eleitoral, ele enfatiza que sempre procurou fazer o melhor para os mais necessitados, em especial na área da saúde pública. Suas falas são sempre exemplificadas pelos atuais encontros com ex-eleitores que o abordam para agradecer: “Essas coisas, pra mim, é o importante. É fazer alguma coisa para aquele que precisa [...] Então eu acho que a minha popularidade política hoje vem disso” (2018).

Uma leitura possível é que se trata de apenas mais um exemplo de político clientelista, como tantos outros que existiram e existem pelo Brasil, principalmente nos interiores do país. Perguntado sobre como lida com os rótulos pejorativos que recebe dos adversários políticos, como a tradicional acusação de que teria usado a máquina pública para enriquecimento familiar, Troian diz que vê isso como algo natural das disputas políticas, que se considera amigo de todos e que não guarda mágoas ou rancores de nenhum adversário:

“Muitos dizem que não vale a pena entrar para a política. Financeiramente não vale a pena. Você perde muito da administração própria de sua vida particular, negócios, mas acho que valeu a pena por aquilo que a gente fez por aquela pessoa que foi atendida e que talvez nunca seria atendida por ninguém e nós, como éramos administradores do povo nós fizemos. Então essa é a marca importante que valeu a pena a gente fazer política: a política de dar atendimento àqueles que necessitam” (2018, s/p.).

De fato, a vida empresarial da Família Troian entrou ladeira abaixo a partir dos

anos 1980 – quase nada ainda existe do patrimônio que indicamos acima. Ao longo de sua vida política, Troian respondeu e responde a vários processos judiciais por supostas irregularidades em suas administrações. Porém, sua figura permanece no imaginário político local, pró ou contra, mas certamente a cada dia de forma mais mitológica.

Considerações Finais

Uma hipótese final a ser levantada é que se pode dividir a história política de Nova Londrina em três grandes períodos. O primeiro (1956-1982) é de controle da elite agrária “pioneira” – salvo alguns interregnos –, capitaneada pela Cooperativa que reunia os grandes proprietários locais; o segundo (1983-2008) é a “era Troian” – salvo um intervalo curto – em que o controle político esteve nas mãos do grupo ligado a Arlindo Troian; o terceiro (desde 2009), representa a reconquista de poder pelo grupo da Cooperativa, mas agora dirigido pelos herdeiros, diretos ou indiretos dos “pioneiros” grandes proprietários rurais.

A importância e necessidade de se biografar Arlindo Troian com mais detalhes de fontes e temas está aí. Trata-se do único político que, embora tenha feito parte da oligarquia pioneira, bagunçou as cartas políticas em Nova Londrina. Uma pesquisa que realize entrevistas com outros agentes políticos e populares – e tenha mais cuidado metodológico sobre isso do que o espaço deste artigo não permitiu – pode confirmar ou não as diversas hipóteses aqui levantadas. As atas da Câmara Municipal, principalmente quando Troian foi vereador e prefeito, certamente trarão outras informações sobre seu perfil de líder político. Possíveis documentos familiares e empresariais alargariam a compreensão sobre o biografado. Os arquivos judiciais trarão outra faceta da aqui apresentada. Os jornais da capital, mas principalmente o paranavaense jornal *O Diário do Noroeste*, seguramente contém informações valiosas.

Para não cairmos na armadilha da glorificação do biografado, mas buscarmos uma “história problema”, a temática deve ser ampliada e aprofundada para questões além das aqui superficialmente levantadas, como a migração e o “pioneirismo” sulista; os processos judiciais contra Troian; a relação dialética com os contextos estaduais e nacional nos planos político e econômico; a busca pela compreensão das vivências e experiências particulares do biografado, suas múltiplas facetas permanentemente em conflito consigo mesmo e que certamente influenciaram no posicionamento político; a provável relação clientelista – de mão dupla – com o eleitorado etc. Por uma biografia de Arlindo Troian para avançar no conhecimento sobre a história política do Paraná.

Referências Bibliográficas:

- AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Revista Dimensões**, v. 24, 2010.
- BERTONHA, João Fábio. Conde Franceco Matarazzo e o ser italiano no Brasil: o enfoque biográfico na pesquisa sobre a colonização italiana em São Paulo. **Revista Eletrônica de História do Brasil**, v. 4, n. 1, jun/2000.
- BOGONI, Euclides. **Nova Londrina: 30 anos**. Paranaíba: Diário do Noroeste, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2006.
- CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 13, v. 17, 1994.
- GUILHERME, Cássio Augusto. **A Ditadura Civil-Militar e a “politicalha interiorana”**: o caso Halim Maaraoui em Nova Londrina-PR (1969). Curitiba: Editora CRV, 2012.
- GUILHERME, Cássio Augusto. As disputas político-partidárias no extremo noroeste do Paraná entre 1955-1989. **Revista Urutágua** (UEM), n. 29, abril de 2014.
- 184 GUILHERME, Cássio Augusto. Como os nomes das ruas e prédios públicos legitimam o discurso do “pioneirismo”: o caso de Nova Londrina-PR. In: ROMPATTO, Maurílio, *et al* (org.). **História do Paraná: migrações, política e relações interculturais na reocupação das regiões norte, noroeste e oeste do estado**. Toledo: Editora Fasul, 2016.
- LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: Rémond, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, FGV, 2003.
- ROMPATTO, Maurílio. O processo de (re)ocupação do noroeste do Paraná, Microrregião de Paranaíba, na história e na memória de seus moradores. In: ROMPATTO, Maurílio (org.). **História e memória da colonização do noroeste do Paraná: os casos de Paranaíba, Nova Londrina e Loanda**. Maringá: Massoni, 2012.
- SALLUM JR, Brasílio. **O impeachment de Fernando Collor: sociologia de uma crise**. São Paulo: editora 34, 2015.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis: história & cultura**, v.2, n.3, jun/2003.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias. Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Revista Estudos Históricos**, n. 19, 1997.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSOS, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

TROIAN, Arlindo Adelino. **Entrevista**. Arquivo do Projeto Memória do Noroeste do Paraná – Acervo de Nova Londrina, entrevista de número 08, com Arlindo Adelino Troian, realizada por Cássio Augusto Guilherme. Nova Londrina-PR, 03 de abril de 2018.

TROIAN, Arlindo Adelino. União, a grande força! **Revista de propaganda política**. Nova Londrina, 1988.